

TERRITÓRIOS DESCONTÍNUOS DO CANDOMBLÉ

GERSON MACHADO*

Sou o espaço onde estou
(Noël Arnaud)

Para entendermos os papéis que os espaços sagrados afro-brasileiros desempenham no corpo das cidades é interessante percebermos como eles extravasam de seus próprios muros e sacralizam outros espaços como: as encruzilhadas, as praças, as pontes, as ruas e avenidas, as matas, cachoeiras, praias etc..

Giorgio Agamben escreve que “pode-se definir religião como aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas do uso comum e as transfere a uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, mas toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso (...) o sacrifício sanciona em cada caso a passagem de alguma coisa do profano para o sagrado, da esfera humana à divina” (AGAMBEN, 2009: 45)¹. É essa perspectiva que nos permite o entendimento dos processos de consagração dos ilês axés como espaços do sagrado afro-brasileiro na cidade, à medida que nesses lugares, de prevalência do sagrado, ocorrem diversos sacrifícios tanto os de origem animal, quanto vegetal e mineral, a fim de estabelecer e fortificar as relações e os vínculos entre as pessoas e os deuses. Todavia, cumpre-nos entender, também, como essas religiões sacralizam o hodierno, o cotidiano e os fenômenos que se apresentam à vida comum das pessoas.

É importante ressaltar que o Candomblé não se configura como uma religião na qual o proselitismo seja um fundamento compulsório para o exercício da fé. Porém, sua performance tem um alcance público, já que a cidade, como artefato que se transmuta, é palco de atuação do sagrado. Destarte, ocorrem convencimentos e conversões motivados pelos mais variados motivos. É muito raro, para não dizer impossível, que encontremos alguém numa praça pública de uma cidade qualquer, fazendo pregações, convites e admoestações em prol das denominações religiosas afro-brasileiras. Todavia, esse escopo religioso possui um sistema de

*Doutor em História UFSC – Coordenador do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville/Fundação Cultural de Joinville.

¹Certamente, parte das reflexões de Agamben são tributárias das reflexões desenvolvidas por Henri Hubert e Marcel Mauss a respeito do sacrifício: “Com efeito, é bem certo que o sacrifício implica sempre uma consagração; em todo sacrifício, um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso; é consagrado. (MAUSS, 2005: 147)

comunicação para além de seus pares, atingindo toda a sociedade. Ela não é um sistema fechado, do contrário não a teríamos tão presente no cotidiano de nossas vidas, inclusive em cidades pouco reconhecidas se considerarmos a presença dessas denominações, como é o caso de Joinville, onde se elabora um forte discurso identitário enaltecendo os valores e contribuições de determinadas etnias europeias (alemães, suíços, italianos, entre outros).

Essa ação “extra-muros” dos ilês axés ampliam a noção de local sagrado para o povo-de-santo², mesmo porque o domínio de determinadas divindades ocupam espaços que estão fora dos ilês como é o caso de Exu.

1 OLÓOJÀ

A existência de religiões afro-brasileiras implica na configuração de um mercado que abastece os rituais de materiais necessários ao seu bom desenvolvimento, como: sementes, preparados (banhos, pós, etc.), contas, guias, amuletos, utensílios, domésticos, produtos alimentícios, armarinhos, animais, velas, incensos, entre outros. ZenyRosendahl nos alerta que: “ao reconhecer que existe mais simbolismo nos objetos e coisas do que sua aparência indica, por vezes camuflado ou escondido, é sugerido afirmar que os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que em determinado contexto cultural passam a ter associado o valor simbólico. A natureza do bem simbólico reflete assim duas realidades, a mercadoria e o significado, o valor cultural e o valor mercantil do bem.” (ROSENDAHL, 2005: 12929)

Dessa forma diversos lugares da cidade de Joinville comercializam bens indispensáveis para o exercício do culto às divindades afro-brasileiras. Atualmente, cerca de três lojas situam-se no centro da cidade e é em torno delas que as notícias, fuxicos e indicações de trabalhos giram, tanto para o povo-de-santo quanto para os usuários de serviços espirituais que não possuem muito vínculo com a religião.

Essas lojas são espaços interessantes, também, em função de suas localizações: uma delas encontra-se instalada juntamente com uma Igreja Universal do Reino de Deus num

² Povo-de-Santo é um categoria que uso para me referir ao conjunto de pessoas praticantes das várias religiões afro-brasileiras: Candomblé(s), Umbanda(s), Almas de Angola, Jurema, Batuque, entre outras.

prédio tombado pelo Patrimônio Histórico de Joinville; denominada de Casa das Estatuetas. Outra, a Casa das Ervas, nas imediações da praça central, também próxima a uma igreja evangélica; e outra numa das esquinas mais movimentadas da cidade; a Casa Yemanjá. Juntas oferecem uma variada gama de produtos, além dos já citados, destaque: artefatos (ferramentas de orixás, estatuárias variadas, indumentárias, fios-de-contas, etc.), plantas, bem como, informações variadas, em diversas mídias, como: cds de música religiosa afro-brasileira, dvds (documentários, filmes, etc.), e livros de diversas editoras abordando a temática, etc.. “As lojas representam, nesse sentido, uma intermediação entre a natureza e a cidade num nível onde prevalece a cidade, pois sem sair dela é possível obter (...) artigos religiosos (...) industrializados ou coletados na natureza como folhas, pedras (otás), penas, sementes, etc. para serem consagrados nos terreiros. A loja é mesmo o “mato” ou a “reserva natural instituída” na cidade para o culto dos deuses.”(SILVA, 1995: 215)

O mercado é o espaço de uma das energias mais importante das religiões afro-brasileiras que é conhecida como Exu. Ele é o dono do mercado, e recebe o título de *Olójà*, que significa exatamente “o dono do mercado”. Portanto, “dinheiro e mercadorias; narrativas, informações e cumprimentos têm em comum o fato de serem coisas trocadas (...) e porque a troca é movimento e o movimento implica transitividade, todas elas estão subordinadas a Èsù, o grande princípio dinâmico na cosmovisão do Candomblé.”(VOGEL, 1998: 7) Acredita-se que sem mercado não há culto e sem os cultuadores de Exu não há mercado. O mercado é, portanto, uma configuração de lugares, produtos, pessoas e energias³. Na Salvador dos anos 1930 “Os mercados eram ponto de encontro para o povo-de-santo, local de trabalho para comerciantes que, se não pertenciam ao culto, precisavam compreender a sua lógica para atender e atrair clientes”(OLIVEIRA, 2011: 10).

O Mercado Público Municipal e as lojas de produtos votivos, armarinhos, aviários, etc., espalhadas por Joinville, dos anos 1980 em diante passou a receber a demanda do povo dos Ilês Axé de Candomblé que passaram a se instalar na cidade, desde então. Nesse sentido a cidade e seus comerciantes precisaram adaptar sua linguagem e seu atendimento a esse público que muito consome e necessita estar conectado aos outros centros do país, pois, “quem quer que pretenda se qualificar como fornecedor deve, antes de tudo, qualificar-se

³ Para uma etnografia do mercado fornecedor dos produtos de consumo dos ilês axés de Candomblé conferir (VOGEL, *Op. Cit.*:08-15).

como conhecedor (...) com o seu prestígio, cresce a sua freguesia” (VOGEL, *Idem*: p.09). Atualmente, inclusive as lojas devem praticar preços condizentes com o mercado nacional em virtude da facilidade de acesso ao comércio de capitais como São Paulo e Rio de Janeiro que atende a todo o território nacional, via internet, telefone e envio via serviços postais.

Ogã Maurício, um dos entrevistados mais eloquentes dessa pesquisa foi testemunha do processo de estabelecimento do mercado de produtos para abastecer as casas de culto de Candomblé em Joinville. Ele se lembra da dificuldade que era encontrar, na cidade, determinados elementos fundamentais ao culto. O acesso aos mesmos era:

Muito precário, por que não existia uma Casa das Ervas assim como a do Emilson⁴. Para o senhor ter uma ideia, praticamente, a casa do Emilson eu vi nascer, inclusive, eu fazia alguns produtos. Curitiba era o ponto mais próximo para se conseguir alguma coisa, obi⁵, orobó⁶, búzios, e essas coisas todas. Como eu viajava e ia sempre para o nordeste, trazia de lá e como trazia para o Emilson latas de 18 quilos de dendê⁷, sacos de 30, 40, quilos de búzios, assim, praticamente de graça, eu conseguia lá. E conseguia absolutamente tudo, até folhas de Irôco⁸, folhas de qualquer coisa, eu levava relacionado e se eu achasse trazia, se eu não achasse fazia o que? Paciência. Então trazia esteira, mas esteira de carnaúba.(SANTOS, 2009)

O mercado de produtos dedicados ao culto aos orixás e entidades em Joinville está em franca expansão. Na região central da cidade contabilizamos a existência de três lojas as quais suprem boa parte das necessidades dos rituais de orixás, inkisses e entidades da cidade e região (Figura 1). O fornecimento local desses produtos ainda carece de variedade e constância de produtos. Assim, devido à localização estratégica da cidade em relação aos grandes centros fornecedores boa parte desses produtos chegam aos terreiros da cidade por diversos meios. Atualmente, inclusive, aproveitando-se das brechas do mercado deixado pelas lojas especializadas as quais, ainda hoje, não suprem adequadamente o exigente mercado do Candomblé Joinvilense, muitos comerciantes ambulantes internacionais trazem para a cidade produtos africanos como sementes, sabões, indumentárias, tecidos, fios de conta, que se destacam em relação aos produtos nacionais, em função de sua exclusividade e do senso

⁴ Refere-se à Casa das Ervas, comércio que oferece boa parte dos elementos necessários ao desenvolvimento do Candomblé.

⁵ *Cola acuminata*

⁶ *Garciniakola*

⁷ *Elaeisguineensis*

⁸ *Chlorophora excelsa*

estético aplicado nesses objetos, como é o caso de uma família de nigerianos, sediada em Curitiba/PR que atende, além do mercado paranaense, o catarinense, com visitas sistemáticas aos ilês axés, terreiros e residências (Figura 2).

Além de conectar Joinville aos centros de distribuição de produtos, em virtude de seu ofício de motorista rodoviário, Ogã Maurício foi se inteirando a respeito da produção de ferramentas de orixás. Sua arguta observação desses elementos fora da cidade permitiu se firmar no mercado local como o principal fornecedor de ferramentas dos orixás.

Sobretudo o mercado de produtos e saberes em torno do Candomblé não pode ser monopolizado nem por pessoa, muito menos por grupo. É necessário a constituição de redes de solidariedades que interdependentemente alimentam-se e atualizam-se, continuamente, a partir da circulação de saberes e valores. Pai Nino de Ogum comentou que:

para se fazer santo no Candomblé existem folhas que aqui para nós é muito difícil de serem encontradas. Então, ou se busca em Curitiba ou minha família de santo manda de São Paulo para cá! A nossa flora aqui é muito rica, porém, não são as folhas de axé! E quando você acha alguma coisa por aqui você tenta cultivar para poder ter.(CUNHA, 2011.)

Figura 1 – Comércio de artigos votivos, Casa das Ervas



Autor: Gerson Machado, 29.10. 2012

Figura 2 – Comércio de produtos feitos por Nigerianos, de porta em porta.



Autor: Gerson Machado, 21.06.2008.

O Ogã Maurício, por exemplo, em toda a sua trajetória reconhece a presença e a importância das redes de relações o que explicou, inclusive, sua atuação como artista sacro.

É como eu disse pro senhor, as coisas acontecem na vida da gente quando menos se espera! Eu realmente eu não sabia que eu tinha esse dom de fazer ferramentas, de confeccionar essas coisas, não sabia não, e estou engatinhando ainda, nesse tipo de confecção, mas isso apareceu assim por acaso. Por causa de quem? Por causa de meu compadre Mucongo, e foram as primeiras ferramentas que eu pude confeccionar, foi lá para a casa de Iaiá⁹, foi o que? Alguns colarezinhos feitos de latão, que até hoje soa no meu ouvido ela mesmo dizer que foi uma joia. Foram feitos de latão bem polido, ficaram parecidos com ouro. (...) depois disso aí eu fui distribuindo para o Emilson e depois dele foi passando para outras casas de Umbanda, inclusive para algumas cidades adjacentes. Tenho muita procura, muita procura mesmo. Eu até parei de atender essa procura aqui em casa (...) eu prefiro fazer para o Emilson lá da Casa das Ervas, por que ele me pede uma ferramenta e eu faço cinco e ele fica com todas. Então eu firmei um contrato com ele lá, uma coisa assim mais séria, mais profissional, pelo círculo de amizade, pelo tempo de amizade que nos temos, para eu confeccionar ferramentas somente pra ele, somente pra loja. (SANTOS, Op. Cit..)

Outro saber aplicado ao culto dos orixás é o que envolve a produção das indumentárias tanto as de uso cotidiano quanto as de uso ritual, inclusive as utilizadas pelos orixás em transe, em sua performance pública. São tecidos, cores, laços, adornos que conferem ao fiel e ao orixá manifestado a inserção numa teia de significados que informam o lugar hierárquico e sagrado que cada um ocupa. A confecção depende de um domínio técnico e da interação entre o que solicita o serviço e pessoa que confecciona. É um campo de relações demarcado, que implica um processo de referenciação e cumplicidade. O neófito para adentrar nesse universo precisa aprender a contratar os serviços e a dominar o mercado e os códigos. Essa

⁹Iaia é como este entrevistado se refere à Iyalorixá Jacila de Oxum.

aprendizagem se dá, especialmente, através da vivência no espaço sagrado condensado nos ilês axés mas, também, através das autoridades sacerdotais (iyalorixás, babalaorixas, egbomis, ogãs, ekedes, entre outros) que apresentam aos “mais novos” o sistema de significados que circunda os Candomblés.

Sendo os mercados a expressão máxima do orixá Exu, é muito comum aos membros dessas religiões saudarem tal divindade assim que colocam seus pés nos umbrais de entrada de tal espaço. Iris Oliveira destaca o papel desse espaço na sociabilidade do povo-de-santo na cidade de Salvador/BA, que guardadas as devidas proporções e temporalidades distintas de análise serve, se não para ilustrar, pelo menos, para entender o papel e o funcionamento desse local numa cidade tão importante, em termos referenciais para o Candomblé brasileiro:

Os mercados eram ponto de encontro para o povo-de-santo, local de trabalho para comerciantes que, se não pertenciam ao culto, precisavam compreender a sua lógica para atender e atrair clientes. Além disso, as feiras congregavam o segmento de coletores de ervas, importadores de produtos africanos, artesãos que faziam ferramentas de orixás, peças de barro, colares de contas, instrumentos musicais, objetos trançados em palha, e tantos outros usados nos Candomblés da Bahia. O mercado era também o lugar do fuxico, onde era possível olhar uma lista de produtos feita por determinado pai ou mãe-de-santo e desacreditar suas habilidades litúrgicas, para aquela época deveria também ser o espaço onde circulavam as notícias a cerca das batidas policiais, ou sobre os incidentes que teriam ocorrido em celebrações ou rituais, em um ou outro terreiro. Por essas, e outras, era recomendável ir a feira sempre bem acompanhado, e para atender as dinâmicas e necessidades daquele espaço ninguém melhor que Exu, o dono do mercado, o Olójà. (OLIVEIRA, Op. Cit..)

Outros orixás podem compartilhar ou terem sua expressão de sacralidade em espaços fora dos ilês axés, como é o caso de Ogum – o orixá ferreiro e guerreiro-, cujo domínio principal são as estradas, as ferrovias, dentre outros. Dessa forma, cada orixá possui um elemento ou fenômeno que o representa e que manifesta sua presença no mundo, conforme quadro abaixo (Quadro 1):

Quadro 1 - Locais onde são cultuados os orixás nos territórios descontínuos aos Ilês Axés

ORIXÁ	LOCAL DE CULTO
Exu	Encruzilhadas, Mercado público, lugares de circulação de valores monetário (bancos, etc).
Ogum	Estradas, Vias férreas
Ossain	Matas densas
Oxóssi	Matas

ORIXÁ	LOCAL DE CULTO
Omolu/Obaluaiê	Mata
Nanã	Pântanos
Oxumarê/Bessen	Rio com corredeiras
Ewá	Lugar de ocorrência de neblina e serração
Obá	Foz de rios
Oiá/Iyansã	Bambuzais, cemitérios
Oxum	Cachoeiras, rios com corredeiras
Logunédé	Matas, cachoeiras, rios com corredeiras
Xangô	Pedreiras
Iyemanjá	Praias
Oxaguiã	Lugares altos e descampados
Oxalufã	Lugares altos e descampados
Ibejis/Vungi/Erê	Praças com gramado

Autor: Gerson Machado

Dessa forma é fácil entender que, apesar da maioria dos ilês manterem *pejis* dedicados a essas divindades, é comum que os sacerdotes e os fiéis procurem locais fora do espaço sagrado para estabelecerem algum tipo de comunicação com os orixás. Por vezes é mais eficaz a invocação e o culto nesses locais específicos. Desta forma, ebós, presentes, limpezas espirituais entre outros serviços religiosos prestados podem ser, assim, administrados e só alcançam eficácia performática se determinados procedimentos ocorrerem nesses lugares. Portanto, esses locais podem ser considerados como territórios descontínuos dos Candomblés espalhados pela cidade. Jussara Rego assim define território descontínuo:

São considerados territórios descontínuos do Candomblé, os ambientes rituais complementares àqueles pertencentes à área interna dos terreiros. Seja mata, rio, lago ou até mesmo o mar, que, ao ser considerado o evocativo do espaço físico, se entende como espaço útil e reservado aos rituais (RÊGO, 2006:72)

De forma complementar ZenyRosendahl expõe o desafio da compreensão da extrapolação do sagrado para além dos espaços institucionais comumente regulamentados na construção das cidades modernas ocidentais:

Assim a territorialidade religiosa mantém e preserva a comunidade religiosa, que por sua vez alimenta e legitima a Igreja, o Templo, a Casa religiosa, e outras instituições (...) Em diferentes contextos sócio-espaciais o fato religioso imprime marcas no espaço. São formas simbólicas, imagens, símbolos e outras portadoras de significados religiosos. O mundo contemporâneo vem exigindo cada vez mais a decodificação desses símbolos materializados no espaço (...) Sendo assim, a

territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território (ROSENDAHL, 2009:1 e 3)

Partindo desta compreensão, entendo que o processo de sacralização do espaço não se restringe aos espaços circunscritos às religiões afro-brasileiras. Todos os lugares nominados pelos humanos podem conter expressões de sacralidade. Já que, essa sacralidade é construída tanto pela fixidez quanto pelo caráter itinerante daqueles que enunciam os significados e que, pela linguagem, reconhecem e instituem a presença do sagrado no mundo.

Seguindo a trajetória do povo-de-santo em suas andanças pela cidade a reflexão sobre territórios que apresentam elementos da natureza valorizados pelo povo-de-santo deve ser precedida pela compreensão dos significados envolvidos neste tratamento mágico dado à natureza. (OLIVEIRA, 2011: 11)

Sendo os mercados a expressão máxima do orixá Exu, é muito comum aos membros dessas religiões saudarem tal divindade assim que colocam seus pés nos umbrais de entrada de tal espaço. Iris Oliveira destaca o papel desse espaço na sociabilidade do povo-de-santo na cidade de Salvador/BA, que guardadas as devidas proporções e temporalidades distintas de análise serve, se não para ilustrar, pelo menos, para entender o papel e o funcionamento desse local numa cidade tão importante, em termos referenciais para o Candomblé brasileiro:

Os mercados eram ponto de encontro para o povo-de-santo, local de trabalho para comerciantes que, se não pertenciam ao culto, precisavam compreender a sua lógica para atender e atrair clientes. Além disso, as feiras congregavam o segmento de coletores de ervas, importadores de produtos africanos, artesãos que faziam ferramentas de orixás, peças de barro, colares de contas, instrumentos musicais, objetos trançados em palha, e tantos outros usados nos Candomblés da Bahia. O mercado era também o lugar do fuxico, onde era possível olhar uma lista de produtos feita por determinado pai ou mãe-de-santo e desacreditar suas habilidades litúrgicas, para aquela época deveria também ser o espaço onde circulavam as notícias a cerca das batidas policiais, ou sobre os incidentes que teriam ocorrido em celebrações ou rituais, em um ou outro terreiro. Por essas, e outras, era recomendável ir a feira sempre bem acompanhado, e para atender as dinâmicas e necessidades daquele espaço ninguém melhor que Exu, o dono do mercado, o Olójà. (OLIVEIRA, Op. Cit.:10.)

Todavia, apesar da aura sagrada que perpassa esses territórios descontínuos, não posso desconsiderar a existência dos conflitos quando esses espaços públicos são utilizados por essas denominações religiosas, pois tais lugares são palcos de intensas disputas no campo

simbólico e econômico (monetário), por parte das mais variadas agremiações que se apresentam no campo religioso da “Manchester Catarinense”. Dessa forma algumas situações e locais sagrados e seus usos mereceram destaques, tanto nas falas e práticas rituais dos entrevistados quanto na imprensa escrita, no caso o Jornal A Notícia, o mais importante veículo de comunicação impressa, com alto alcance entre a população da cidade.

2 FESTA PARA IYEMANJÁ

Olodumare ouviu os reclames de Iemanjá e deu-lhe o dom de devolver à praia tudo o que os humanos jogassem de ruim em suas águas. Desde então as ondas surgiram no mar. As ondas trazem para a terra o que não é do mar.

(Reginaldo Prandi)

A presença das religiões afro-brasileiras na cidade de Joinville pode ser percebida em diversas oportunidades no decorrer dos anos, especialmente em determinadas datas em que são realizadas cerimônias para entidades e orixás específicos. Dessa forma, no período analisado por esta pesquisa destaco algumas celebrações que ganharam não só as páginas jornalísticas, como também, emergiram das lembranças dos entrevistados.

Indubitavelmente a festividade que mais se destacou foi a consagrada à Iemanjá, muito celebrada nos dias 31 de dezembro de cada ano, especialmente pelos adeptos da Umbanda, denominação majoritária no escopo das religiões afro-brasileiras, em Joinville. “Yemanjá é considerada a mãe de todos os orixás. Ela nasceu num rio e vive no mar. Através da água, ela dá saúde, fartura e riqueza a todos, pois, sem água, o mundo acaba. Ela também protege todo o povo do mar: pescadores, navegantes e os que vivem na orla marítima.”¹⁰

Diante de um apelo tão significativo que tal orixá apresenta a toda a sociedade o seu culto também possui um lastro considerável entre os habitantes da Manchester, fortalecido pela proximidade da cidade com diversas praias, há cerca de meia hora do centro da cidade, e do fácil acesso às mesmas, através de rodovias. Desta forma, no dia 27 de dezembro de 1980, o Jornal A Notícia informava aos seus leitores que “como acontece todo 31 de dezembro, será novamente festejada a rainha do Mar, Iemanjá, na maioria das praias de Santa Catarina (...) A

¹⁰ Adaptado de: COSSARD, 2011: 50.

festa deve começar na noite do dia 31 e terminar em 1º de janeiro.”(Jornal A Notícia, 27 de Dezembro de 1980: 5)

Já em primeiro de janeiro de 1981 o mesmo periódico noticiou a realização da festa num balneário próximo de Joinville, na Praia da Enseada, em São Francisco do Sul/SC. O relato mencionou o deslocamento de “um grande número de seguidores da doutrina umbandista em dois ônibus e vários carros procedentes de Joinville.” (Jornal A Notícia, 01 de Janeiro de 1981, Interior: 13) Nesta mesma reportagem merece destaque o seguinte comentário: “A manifestação dos umbandistas foi muito bem organizada, dentro de uma perfeita ordem e respeito.”(*Idem.*)

De forma crescente, em 31 de dezembro de 1982, o jornal A Notícia publica reportagem que ocupa quase metade da página 5, com destaque para o Senhor Didimo Luis da Silva e a Senhora Lourdes, sacerdotes do Centro Espírita Cosme e Damião e Tenda de Umbanda Iemanjá, respectivamente. O primeiro situado na Rua Monsenhor Gercino, Zona Sul e o segundo no Bairro Boa Vista, Zona Leste de Joinville. A reportagem estimou que 11 “centros espíritas” participariam da cerimônia, com um público estimado de cinco mil pessoas, provenientes de várias regiões de Santa Catarina e de outros estados brasileiros”. (Jornal A Notícia, 31.12.1982: p. 5)

Certamente, com o passar do tempo, a tríade organização-ordem-respeito destacada na reportagem de 01 de janeiro de 1981 (Jornal A Notícia, 01 de Janeiro de 1981, Interior: 13), atribuída aos adeptos da religião, já não era suficiente para manter a segurança necessária. Com a mudança da configuração, hoje em dia, Pai Fernando não realiza mais esta festa no final do ano. A narrativa deste Babalaorixá deixa claro que apesar de todo o movimento e visibilidade alcançado pela festa algumas situações o desestimularam de praticá-la nesta data:

Na última que fizemos fiquei muito chateado e muito decepcionado, por que pedi todo um policiamento e no meio de todo o povaréu nós estávamos entregando as obrigações e soltando o barquinho nas águas, com a imagem junto. Tinha o pessoal levando as oferendas e todo o povo misturado pedindo graças dentro das águas. Nisso, teve uma determinada pessoa que passou a mão num foguete e atirou bem no meio do povo e atingiu uma filha-de-santo minha. A sorte é que a roupa dela estava meio umedecida, então, na hora que explodiu não a machucou. Em compensação uma menina que estava ao lado, que não fazia parte do grupo, acabou indo para o pronto-socorro. Até conseguiram levar o cara, deixando-o preso. No dia seguinte ele estava solto. Então, com isso aí eu enjoei, sabe. (BARTEL, 2011)

A partir dessa situação e em função da iniciação deste Babalaorixá no Candomblé, a celebração específica dedicada a Iemanjá passou a ser realizada em 02 de fevereiro, na mesma data em que ela é realizada na maioria dos Candomblés do Brasil:

E a partir de então eu passei a celebrar Iemanjá em fevereiro. Já, assim mesmo eu fazia no dia trinta e um de dezembro e no dia dois de fevereiro eu ia no mar fazer oferenda para ela. Fazendo no dia dois é mais fácil, mais restrito, chamamos os médiuns e não faço mais aqueles tumultos para evitar esses problemas. (BARTEL, Op. Cit..)

Atualmente os ilês axés de Candomblé de Joinville procuram realizar o culto à Iemanjá em praias próximas à cidade, no dia 02 de fevereiro, já no final da temporada de veraneio, com menor movimento de pessoas. Um exemplo é o Ilê Axé IyaOmilodê, comandado pela Iyalorixá Jacila de Oxum, que realizou tal cerimônia, em 02 de fevereiro de 2011, na Praia do Grant, no Município de Barra Velha, num cenário de pouco movimento, e com poucos *iyawos* participando, já que a data ocorreu no meio da semana. Num dia de muito vento, logo após uma noite de chuvas intensas, o grupo arrumou, num pequeno barco de madeira, as oferendas à *Iyemonjà*. Flores brancas, uvas verdes, frutas claras, perfumes, espelhos, velas, espumante, obi e origbo, entre outros elementos, foram levados mar adentro pelos participantes, enquanto, da praia, a Iyalorixá cantava e rezava orikis, pedindo proteção, e fortalecimento às cabeças das pessoas.

A reportagem, também, menciona as preocupações e os cuidados dos dois sacerdotes para que tudo ocorra com segurança pois “Didimo diz que sempre tem muito cuidado com tudo o que se passa durante a festividade, principalmente com os médiuns que, segundo ele, podem beber em demasia antes das cerimônias e vir a causar transtornos desagradáveis para as cerimônias.” A preocupação com os membros parece dizer respeito tanto às questões relativas à saúde e ao relacionamento do médium com a sua entidade e com o próprio grupo, como também, para a imagem que dada ao consumo externo, já que neste período do ano as praias estavam lotadas de turistas. Desses o sacerdote destaca o papel nefasto que os “toxicomaníacos que vão apreciar a festa (...) podem aproveitar a oportunidade para oferecer drogas aos que lá estão e mesmo se tornarem inconvenientes através de atitudes pouco

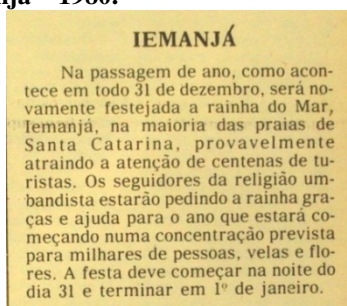
recomendáveis”. A organização do grupo é manifestada no cuidado em relação à possíveis resíduos que tal cerimônia pode produzir junto ao meio ambiente, assim, “as garrafas não são esquecidas porque podem se quebrar e, com isso, ferir os banhistas que desejam usufruir do mar nos dias posteriores”.

Um relato importante proveio das lembranças do entrevistado, Pai Fernando de Oxóssi, que iniciou sua trajetória religiosa no catolicismo, depois foi iniciado na Umbanda e, por fim, no Candomblé. Quando estimulado a relatar as situações em que os cultos às entidades e orixás ocorriam fora do terreiro, ganhando outros espaços da cidade, ele não hesitou em mencionar as celebrações a essa divindade tão cultuada por todo o Brasil, seja por umbandistas seja por candomblecistas.

Vale ressaltar que a mesma possui forte apelo entre os simpatizantes que não possuem vínculos religiosos com centros espíritas e, talvez seja a divindade, do panteão afro-brasileiro, com maior apelo, disseminação e aceitação entre a população. Como bem sintetizou a Mãe-de-Santo Lourdes: Iemanjá, a Rainha do Mar, é o “símbolo do amor, da paz e felicidade. “É tudo para nós. Sem ela não somos ninguém””(Jornal A Notícia, 1982, p.5.) .De qualquer forma o Babalaorixá Fernando, de forma saudosista, relatou que:

Fiz coisas maravilhosas, entende, fazia procissão de Iemanjá, na beira do mar, para juntar o povo. Começávamos entre oito horas e oito e meia da noite, em horário de verão; nossa isso era uma loucura! Quando chegava próximo das onze e meia ou quinze para a meia noite a gente entregava as oferendas para o mar. (BARTEL, Idem.)

Figura 3 – Anuncio de Festa de Iemanjá – 1980.



Fonte: Jornal A Notícia, 27 de Dezembro de 1980

Atualmente os ilês axés de Candomblé de Joinville procuram realizar o culto à Iemanjá em praias próximas à cidade, no dia 02 de fevereiro, já no final da temporada de veraneio, com menor movimento de pessoas. Um exemplo é o Ilê Axé IyaOmilodê, comandado pela Iyalorixá Jacila de Oxum, que realizou tal cerimônia, em 02 de fevereiro de 2011, na Praia do Grant, no Município de Barra Velha, num cenário de pouco movimento, e com poucos *iyawos* participando, já que a data ocorreu no meio da semana. Num dia de muito vento, logo após uma noite de chuvas intensas, o grupo arrumou, num pequeno barco de madeira, as oferendas à *Iyemonjá*. Flores brancas, uvas verdes, frutas claras, perfumes, espelhos, velas, espumante, obi e origbo, entre outros elementos, foram levados mar adentro pelos participantes, enquanto, da praia, a Iyalorixá cantava e rezava orikis, pedindo proteção, e fortalecimento às cabeças das pessoas.¹¹

3 CONSIDERAÇÕES PARA DEIXAR “A GIRA” ABERTA

Como discutimos anteriormente o entendimento do processo de expansão do Candomblé ganha contornos mais complexos quando enfocamos as articulações para a constituição do mercado religioso numa cidade como Joinville, por exemplo.

Notadamente, em relação às redes criadas para garantir o fornecimento dos elementos materiais indispensáveis ao exercício do culto aos orixás, constatamos que ocorre o estabelecimento de uma rede composta de lojas especializadas, - frequentadas quase que exclusivamente pelos membros e simpatizantes das religiões afro-brasileiras -, assim como de outras, menos especializadas, mas que fornecem elementos de uso compartilhado por outras parcelas da população, como é o caso dos estabelecimentos do tipo armazéns e das lojas de secos-e-molhados situadas nos mercados públicos municipais, entre outras.

De forma semelhante aos espaços destinados ao consumo outros espaços “além dos muros” dos ilês axés, embora não desconectados destes, também são importantes locais de estabelecimentos de vínculos com o sagrado, sendo que em muitos casos esses lugares são

¹¹*Iyemonjá*, na mitologia nagô é o orixá que representa a maternidade extrema, mãe de quase todos as outras divindades e zeladora dos oris (cabeças) do humanos. É a ela que se recorre quando os adeptos necessitam ter tranquilidade e “boa cabeça” para administrar as vicissitudes da vida.

uma das manifestações mais eficazes das divindades afro-brasileira, como é o caso de *Iyemonjàque* no Brasil passou a ter seu domínios nos mares.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros Ensaio**s. Chapecó/SC: Argos, 2009.
- BARTEL, Fernando Sebastião **Entrevista**. Joinville: 13 Abr. 2011.
- COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awô: o mistério dos orixás**. 2.ed.. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.
- CUNHA, Orlando. **Entrevista**. Joinville: 24 Mar. 2011.
- Jornal A Notícia, 01 de Janeiro de 1981, Interior: 13
- Jornal A Notícia, 01 de Janeiro de 1981, Interior: 13
- Jornal A Notícia, 04 de maio de 1986
- Jornal A Notícia, 16 e 19 de jan. 1988
- Jornal A Notícia, 1982, p.5
- Jornal A Notícia, 23.04.1981: 5
- Jornal A Notícia, 27 de Dezembro de 1980
- Jornal A Notícia, 27 de Dezembro de 1980: 5
- Jornal A Notícia, 31.12.1982: p. 5
- Jornal A Notícia, em 12 de abril de 1987:20
- Jornal A Notícia, 05.04.1987, local: 5
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: _____. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.p. 141-227.
- OLIVEIRA, Iris Verena Santos de. Cartografias simbólicas de Salvador: Espaços sacralizados pelo povo de santo. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: internet/ANPUH, julho 2011.
- RÊGO, Jussara. Territórios do Candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. **GeoTextos**, vol. 2, n. 2, 2006, p.p. 31-85.
- RICARDO, Jorge Cezário. **Entrevista**. Joinville: 15 Mar. 2011.
- ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 20 a 26 de março de 2005, p.p. 12.928 – 12.942.
- SANTOS, Maurício Ferreira dos. **Entrevista**. Joinville: 20 Jun. 2009.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- VOGEL, Arno *et al*. **A galinha d'Angola**. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.